

DISCIPLINA E CONTROLE PARA MANTER OS MONSTROS LONGE: O CORPO NA IMPRENSA HOMOERÓTICA

Muriel Emídio Pessoa do Amaral¹

Universidade Estadual Paulista (Unesp/Bauru)
murielamaral@yahoo.com.br

Claudio Bertolli Filho²

Universidade Estadual Paulista (Unesp/Bauru)
cbertolli@uol.com.br

Resumo

É comum no imaginário coletivo, os monstros serem repugnantes e deformados na aparência. Mas, como são os monstros para o corpo? Esse artigo pretende apresentar quais são os monstros que assolam o corpo masculino na imprensa homoerótica e a relação existente para combatê-los de modo mais eficaz. Gordura, rugas e outras marcas se tornam ameaças para a representação dessa condição do corpo, mas a tecnologia e o consumo, de alguma forma, amenizam as atrocidades desses monstros na representação midiática. O controle e a disciplina do corpo também afastam os sintomas nocivos que esses monstros podem causar. O corpus de análise dessa pesquisa são as capas da revista Junior, única publicação homoerótica impressa que está em circulação no Brasil.

Palavras-chave: corpo, cultura, imprensa homoerótica, monstros

Abstract:

It is common in the collective imagination, the monsters are hideous and deformed in appearance. But, are as the monsters to the body? This article aims to present which the monsters are plaguing the male body in the homoerotic press and show the best way for combating them more effectively. Fat, wrinkles and other marks become threats to the representation of the condition of the body, but technology and consumption, somehow, soften the atrocities of those monsters in media representation. The control and discipline of the body also away the harmful symptoms that these monsters may cause. The corpus of analysis of this research is the covers of Junior magazine, only homoerotic printed publication that is in circulation in Brazil.

Keywords: body, culture, homoerotic press, monsters

¹ Doutorando em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp/Bauru), bolsista Capes/Unesp, mestre pela mesma instituição. Foi professor dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Universidade Norte do Paraná (Unopar/Londrina)

² Doutor e mestre em História pela Universidade de São Paulo (Usp), livre-docente pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) e professor em cursos de graduação e pós-graduação (nível mestrado e doutorado) na Unesp/Bauru.

Introdução

Foucault (2014) disse em uma das suas obras “Fique nu...mas seja magro, bonito, bronzeado!” Foucault (2014: 236), a afirmação de dele denuncia de modo significativo a relação do corpo quanto aos dispositivos de controle, qualificando o corpo no sentido de um investimento de manifestação de controle-estimulação, uma estrutura que media as relações sociais e se torna uma representação de poder. Os corpos esculpidos por exercícios físicos e túrgidos pela protuberância muscular não apresentam apenas signos de valores estéticos e do desejo, mas contemplam e se tornam um sintoma também de um comportamento vigente na atualidade que sugere a aniquilação de qualquer possibilidade que possa interferir na performance do corpo escultural; um corpo não vigiado se torna uma ofensa, inclusive, à referência moral da atualidade. Esse pensamento servirá de guia para esse artigo que pretende se debruçar sobre a representação do corpo masculino na imprensa homoerótica, entendendo a necessidade de manter o corpo disciplinado e fora do alcance das intempéries das bestas-feras, as monstruosidades que o assolam.

Na sociedade ocidental contemporânea em que o prazer e a felicidade se tornaram códigos categóricos para a condição moral, o corpo se torna um investimento de alto valor de capital. A gordura corpórea e outros sinais que conotem o avanço da idade são interpretados como descuido e devem ser combatidos e as práticas discursivas midiáticas da imprensa homoerótica contribuem para a promoção do corpo como um campo de prazer e disciplina, aliando assim, consumo e felicidade em movimentos sincronizados nas imagens e nos discursos dessa imprensa segmentada. A monstruosidade se encontra justamente nessa condição, algo abominável que não impede o gozo, mesmo que narcísico do indivíduo.

Quanto à definição de monstro, a intenção desse artigo não é de se debruçar sobre as qualidades e possíveis referências daquilo que pode ser ou não uma representação de monstro, todavia, para dar sequência ao estudo, esse conceito será interpretado como aqueles sinais que amedrontam o corpo, que o posiciona à face da morte e que, de algum modo, o constrange enquanto um discurso normativo. Na visão de Jorge Leite Junior, “(...) Cada cultura cria seus monstros. E cada monstro só pode nascer, crescer e gerar descendentes dentro de uma cultura que o alimente e sustente”

(Leite Junior, 2007). Pelo posicionamento do autor, os monstros se tornam entidades de referência cultural e que são carregados de simbologias que justifiquem a sua existência mesmo que seja dentro de um campo ficcional, mas ainda contemplado enquanto uma posição cultural e histórica. Apesar do autor considerar que o crescimento de um monstro pode ocorrer pela alimentação de sentimentos como o amor e a devoção, para esse texto, a referência de monstro ganha sentido para se tornar uma representação de ameaça à vida, uma preocupação que precisa ser solucionada de modo que seja eliminada do convívio social, senão, ao menos, algo que passível de ser domesticado a ponto de não provocar pânico ou destruição por onde passar.

Como *corpus* para esse trabalho foram selecionadas as todas as imagens capas das edições da revista Junior, editada atualmente pela Editora Mix Brasil. A escolha pela análise das capas da publicação é por que a capa se torna uma espécie de identidade da revista enquanto reconhecimento visual. Além dessa condição, as capas das revistas estabelecem a formação discursiva de um tempo.

As capas das revistas são símbolos do funcionamento dos grandes meios de comunicação. Mais que isso, são exemplos de imagens sintéticas que povoam o mundo contemporâneo e o que representam uma certa forma de pensar, a qual está associada a uma economia de tempo e espaço (Silva, 2011: 151).

A revista Junior se mantém em circulação desde 2007, com variação de periodicidade, totalizando 62 edições³. Dessa quantidade de números veiculados, em apenas cinco delas⁴, os homens estão com o dorso coberto, nas demais, o corpo malhado, sem rugas ou marcas se torna um discurso visual absoluto da revista. Não apenas as imagens das capas trazem a exposição do corpo sem máculas, mas nos editoriais de moda e nas matérias sobre cuidados com o corpo e saúde também apresentam representações disciplinantes do corpo que possam denotar qualquer desleixo ou descuido. Como apresenta o primeiro editorial dessa publicação, a revista não tinha como os propósitos militantes da causa, como fizeram os primeiros veículos homeróticos, como o caso do jornal Lampião da Esquina que, além da causa em defesa da diversidade sexual, também abraçava outras ações como a ecologia e movimento

³ O número de edições se refere até agosto de 2014.

⁴ As edições que apresentam o dorso coberto são a 1ª, 2ª, 21ª, 47ª, 48ª, na 61ª edição, há sete homens na capa e apenas um deles está trajando camiseta.

negro. A revista Junior estava mais atrelada a noções estéticas, consumo e prazeres como apresenta o editorial

Ela [a revista] seria assumida sem ser militante, sensual sem ser erótica, cheia de homens lindos, com informação para fazer pensar e entreter. (...) Mesmo sem saber exatamente quantos somos e onde estamos, acabamos evidenciando nossa existência pelo vigor do nosso mercado. Outras áreas como o turismo e moda já descobriram que não vivem sem nós. Outros estão começando a entender isso agora (Junior, nº1, out. 2007).

Com essas representações, há a necessidade de erotização e a contenção das adversidades que podem prejudicar o status do corpo enquanto capital, os monstros são combatidos ou escondidos do alcance do olho. Não há também diversidade imagética na revista que vá além da necessidade categórica de evidenciar o corpo enquanto uma forma de capital e prazer. Um discurso constante e repetitivo. Exceções como a imagem da capa da edição de número 49 em que alguns fenótipos de homens foram apresentados: gordo, ruivo, negro, magro. Todavia, essa edição foi veiculada com duas sugestões de capas (um recurso muito usado pela revista), a outra capa manteve o padrão de um homem descamisado no exercício de exposição do corpo.

Figura 1



Revista Junior
Nº49/2013

Fonte: cópia do original

Figura 2



Revista Junior
Nº54/2013

Fonte: Cópia do original

Figura 3



Revista Junior
Nº16/2010

Fonte: cópia do original

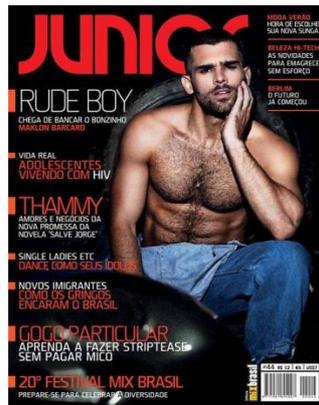
Figura 4



Revista Junior
Nº 14/2010

Fonte: cópia do original

Figura 5



Revista Junior
Nº 44/2010

Fonte: cópia do original

Figura 6



Revista Junior
Nº 3/2007

Fonte: cópia do original

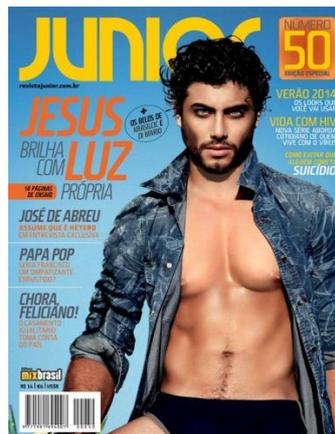
Figura 7



Revista Junior
Nº 22/2010

Fonte: cópia do original

Figura 8



Revista Junior
Nº 50/2013

Fonte: cópia do original

Figura 9



Revista Junior
Nº 11/2009

Fonte: cópia do original

Pela amostragem acima, nota-se a saturação da representação do corpo masculino construído sob um discurso nivelante de variações sógnicas, mantendo as expressões de desejo, libido e jovialidade. A intenção dessa proposta discursiva vai ao encontro das perspectivas históricas e sociais que são estabelecidas pela simbologia da cultura contemporânea em parceria com as propostas de atuação do capitalismo. Assim, esse texto pretende estabelecer a relação cultural pertinente para compreender os motivos das qualidades de prazer e felicidade nas representações do corpo masculino na revista Junior.

Corpo, gênero e cultura: relações histórias e sociais

Algumas considerações teóricas são importantes que sejam feitas antes de abordarmos as representações do corpo masculino na imprensa homoerótica. A primeira delas é quanto à denominação da qualidade desse tipo de imprensa. Para essa pesquisa, não será adotada a designação de “imprensa gay” por entender que o termo gay se refere a uma condição de identidade sexual, por isso a adoção do termo “homoerótico” por se referir a uma questão mais abrangente que os limites impostos pelas significações de identidade e atender muito mais a uma demanda do desejo que aos signos identitários. Com essa denominação, assim, não há o comprometimento do reconhecimento da identidade sexual dos leitores da revista em qualificá-los exclusivamente como gays.

Uma outra consideração muito importante a ser feita é quanto ao entendimento do corpo. A compreensão do corpo enquanto uma entidade composta estritamente pela condição biologizante é superficial para o nosso entendimento por desconsiderar todos os movimentos históricos e os diálogos culturais para a concepção do mesmo. Por isso, a necessidade de analisar o corpo enquanto uma simbiose íntima com os contextos históricos e abrir para reflexões sobre os modos de entendimento do corpo enquanto uma relação sociocultural construída, em que são consideradas também as subjetividades dos indivíduos envolvidos nesses processos. Desse modo, “as representações do corpo, e os saberes que as alcançam, são tributários de um estado social, de uma visão de mundo, e, no interior desta última, de uma definição da pessoa. O corpo é uma construção simbólica, não uma realidade em si” (Le Breton, 2012: 18).

Nessa perspectiva, o corpo se torna uma produção discursiva do tempo, na mesma proporção em que é produtor dessa mesma condição cultural a partir do momento em que a produção e reprodução dos valores sociais repercutem nas referências morais de convivências e sociabilidades. Dentro dessa perspectiva, não tem como diferenciar o corpo de uma condição cultural, atentando-se que a cultura se apresenta em constantes mutações e se torna discursos em processos de transformações de representação. Com as alterações propostas ao longo dos movimentos históricos, o corpo se torna uma forma de significação da cultura, uma entidade que está ligada às suas dinâmicas que incluem as relações políticas, sociais e econômicas desenvolvidas em uma determinada sociedade inserida no tempo e no espaço.

Esse trabalho não pretende se estender em apresentar todas as relações entre o corpo e cultura, todavia, algumas considerações são interessantes serem realizadas por uma questão de observação da interferência discursiva na representação do corpo em alguns momentos da história. Como, por exemplo, nas concepções do corpo no medievo em que esse deveria estar em comunhão com o discurso religioso. O corpo humano deveria acompanhar as representações do corpo de Cristo. Mesmo sendo considerado impuro por estar em contato com o pecado, o corpo era sagrado por ser uma obra divina

Recuperando a carne para a religião, a “Imitação de Cristo” fez dela o juiz da hierarquia social, ao estabelecer um contraste evidente entre os laços que uniam aqueles que cuidavam dos outros e as estruturas comerciais, em que o amor ao próximo estava ausente (Sennett, 1997:139).

Na Modernidade, há uma reinterpretação sobre o corpo em movimento às novas perspectivas que eram traçadas em nome do desenvolvimento científico e das qualidades humanas. A ciência se torna um dispositivo para elevar a capacidade humana, bem como as suas faculdades; entra em cena o conhecimento científico, uma proposta que pretendeu descortinar o homem da condição de ignorância. Essa nova forma de interpretar o indivíduo proporcionou a impulsão das ciências e do pensamento cartesiano que estabeleceram a divisão entre o corpo e a mente, e compreendê-los enquanto um sistema de organização em compasso com a cognição. Assim,

(...) paulatinamente, o corpo foi se inscrevendo, e sendo inscrito, em outras circunscrições: da natureza, da ciência e da biologia, da linguagem. Após o advento do cogito cartesiano, de Kant e de Hegel, da revolução industrial e de um Modo de Produção assente na produção de mais-valia, a possibilidade de rearticular o corpo como uma representação simbólica (Góes, 2003: 41).

Dentro da perspectiva moderna, a subjetividade é algo praticamente inexistente, ou seja, as referências devem ser explicadas e concebidas sob a ótica da ciência e do pensamento conhecimento científicas não dando margens às práticas subjetivadas de crenças ou alegorias que estivessem à margem da qualidade cartesiana.

Já na atualidade, o corpo se encontra em crise. Não enquanto uma forma que não apresenta significância, mas ressignificado pelas tecnologias, extensões, inserções e prolongamentos que podem reinscrevê-los em um novo paradigma em que as condições orgânicas das corporalidades se apresentam de modo frágil e debilitado para as representações na cultura contemporânea. Donna Haraway (2009) apresenta uma

polêmica no ensaio Manifesto Ciborgue que o corpo sempre foi ciborgue porque enquanto uma estrutura simplesmente orgânica, o corpo estaria fadado à morte, por isso o apelo aos recursos tecnológicos. Em diálogo com a consideração de Haraway, Paula Sibilia (2002) não propõe exatamente um corpo ciborgue, mas uma condição pós-orgânica ao afirmar que a cultura contemporânea apresenta uma certa aversão às qualidades orgânicas do corpo, justamente pela sua debilidade e fragilidade. A carne apodrece, desgasta, enfraquece e adoce e a tecnologia se alguma forma substitui essas adversidades por materiais sintéticos para que o corpo continue vivo e inserido no espaço social, ofertando também questões de cidadania e consumo; esses temas também serão tratados no decorrer desse texto.

Com essas considerações, podemos analisar que a cultura se torna uma relação compulsória para o corpo, em que “é apresentado como totalmente construído por regimes culturais de poder, deixando o indivíduo escravizado a discursos e instituições disciplinadoras” (Bourke, 2010: 306). As questões disciplinadoras do corpo devem ser entendidas de acordo com o recorte no tempo e no espaço para que haja melhor compreensão das referências culturais. Esse posicionamento servirá para que sejam analisadas as representações do corpo masculino na imprensa homoerótica. Afinal de contas, qual é a vigência moral da atualidade que faz que o corpo veiculado nesse segmento de imprensa seja um discurso de poder?

Atualmente, essa relação de poder não se encontra apenas em uma manifestação exclusiva. O poder que é exercido no corpo não advém exclusivamente das ações do Estado para gerenciar a sociedade como as campanhas de controle de natalidade, prevenções de doenças e acidentes, a força do poder que se realiza no corpo, segundo Foucault (2014), são proporcionadas em outras formas de manifestação como, por exemplo, nas práticas dos discursos da pedagogia, na patologização dos desejos pelos movimentos religiosos, na disciplina das práticas de controle de saúde, nos ditames da tecnologia enquanto uma proposta desenvolvimentista ou nos discursos promovidos pela mídia. Esses exemplos se realizam como dispositivos de poder, Foucault (2014) compreende dispositivo como sendo um conjunto de saberes para que engloba uma variedade de estruturas como os

(...) discursos, instituições, organizações, arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito

são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (Foucault, 2014: 244).

De acordo com ele, o poder é entendido como uma rede estruturada em cadeia em que os indivíduos se tornam um dos efeitos do poder e, ao mesmo tempo, centro de transmissão, garantindo assim a produção e reprodução do poder. Esse processo interfere na subjetivação dos indivíduos e na permanência do estado moral social. Uma rede formada em que o poder

(...) não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem e lhe são submetidos. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas, os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer esse poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre a transmissão (Foucault, 2014: 284).

Dessa forma que é compreendido o poder exercido pelos discursos midiáticos na sociedade quanto à necessidade de disciplinar o corpo, tornando-o dócil, esculpido em músculos pelas práticas de exercícios físicos, alimentado por dietas rigorosas, acompanhados por tratamentos de saúde e estéticos que oferecerem a promessa de felicidade e bem-estar. Essas condições também fortificam uma sociedade lipofóbia em que o corpo mais robusto por uma corpulência mais densa é sinônimo de desleixo, uma aberração monstruosa, pois enfrenta os signos de um corpo “saudável”. O discurso midiático opera na possibilidade da oferta do corpo sem mácula, forte, túrgido e impávido, apoiado em arquétipos cristalizados que fundamenta esse corpo enquanto uma forma de poder e supremacia. A midiaticização, essa relação existente entre os discursos midiáticos e os receptores da mensagem estabelece,

(...) uma ordem de mediações socialmente realizadas – um tipo particular de interação, portanto, a que poderíamos chamar de tecnomediações – caracterizadas por uma espécie de prótese tecnológica e mercadológica da realidade sensível, denominada *medium*. Trata-se de dispositivo cultural historicamente emergente no momento em que o processo da comunicação é técnica e mercadologicamente redefinido pela informação, isto é, por um produto a serviço da lei estrutural do valor, também conhecida como capital (Sodré, 2006: 20-21).

A relação midiática ofertada pela imprensa homoerótica preza pela condição de bem-estar e prazer em consonância com os ideais capitalistas de produção. O corpo é um bem capital em que há altos investimentos como os cuidados da saúde, uso de tecnologias, roupas e produtos da indústria farmacêutica e cosmética são alguns dos exemplos que qualificam o corpo como capital. Abandonar a preservação dessa estrutura é se render às atrocidades da gordura, do tempo, do avanço da idade e de outros signos que ofendem a dimensão capitalista do corpo, é se entregar às intempéries que esses monstros podem provocar.

Na contemporaneidade, a valorização do corpo se torna uma ferramenta de pertencimento social, no sentido de compartilhar referências de consumo e também de dialogar com as representações de felicidade e bem-estar. Os corpos não podem ganhar marcas do tempo, devem estar isentos de rugas, gorduras e estrias; são esbeltos e tonificados. Wilton Garcia (2005) apresenta um posicionamento acerca do corpo e a cultura contemporânea esclarecedora para essa pesquisa.

As marcas da cultura atual potencializam o olhar sobre o corpo e sobre a ditadura da “boa forma”. Como exercício empírico da tentativa de adentrar, de modo crítico, a cultura do consumo, o corpo no contemporâneo demonstra sua força material, uma vez que a pedagogia dessa “boa forma” se encontra em alta no mercado de bens e de serviços. Arriscamos afirmar também que o corpo parece ser o foco determinante para instaurar a identidade cultural pós-moderna, seja a partir das ultrapassadas classificações de gênero, classe social ou faixa etária ou, até mesmo, a partir das “novas/outras” condições adaptativas intermediadas pela mídia.

A sociedade, cada vez mais, interessa-se pelas mediações que contemplam o consumo exacerbado da preparação do corpo na tentativa de retardar o envelhecimento corporal com cirurgias plásticas, implantes de silicone, tratamentos estéticos para pele, cabelo e rosto, além dos exercícios em parques e em academias de ginásticas e musculação. Essa preparação do corpo refaz a lógica do corpo “perfeito” em uma perspectiva enraizada na ordem do artifício cuja lógica promove o deslocamento da imagem corporal (Garcia, 2005: 24).

O consumo se torna uma prática moral contemporânea que contempla também o reconhecimento enquanto uma manifestação de cidadania (Canclini, 2008: 55), não apenas o consumo de bem duráveis e não-duráveis, mas o consumo de serviços e produtos como educação, saneamento básico e atendimento médico e bens de ordem simbólica. Em outra perspectiva, o consumo se torna um referencial de felicidade nas reflexões de Hannah Arendt (1983), por que o consumo proporciona as sensações de prazer. A autora apresenta um posicionamento crítica acerca da felicidade enquanto ao mensurável e que pode ser contabilizado segundo uma proposta utilitarista, um

movimento muito semelhante quando levadas em consideração as representações dos corpos masculinos nas revistas homoeróticas. Para Arendt,

(...) tudo o que ajuda a estimular a produtividade e alivia a dor e o esforço torna-se útil. Em outras palavras, o critério final de avaliação não é de forma alguma a utilidade e o uso, mas a “felicidade”, isto é, a quantidade de dor e prazer experimentada na produção ou no consumo das coisas. (...) A “felicidade” de Bentham, a soma total dos prazeres menos as dores, e tanto um sentido interior que sente sensações e permanece alheio aos objetos do mundo quanto a consciência cartesiana, consciente de sua própria atividade (Arendt, 1983: 322).

Ela ainda fez considerações sobre a interferência do trabalho e do modo capitalista para estabelecer a soberania da categoria da condição humana definida por ela como *animal laborans*. Como figura legitimadora da produção capitalista, o *animal laborans* cria semelhanças entre a condição de animalidade sobre a humanidade justamente pela categorização do trabalho realizado. Assim, a produção da atividade desse indivíduo visa não mais a alguma aplicabilidade, como era entendido o trabalho realizado pelo *homo faber*, mas atende à manutenção mais enfática da condição capitalista e da manutenção da vida enquanto apenas uma condição biológica. Na concepção do *homo faber*, logicamente que havia a proposta da venda das atividades desenvolvida para manter o sistema, todavia, a forma de lidar com o trabalho, enquanto um modo de produção é o que diferencia os dois conceitos.

É importante salutar, ainda na perspectiva de Arendt, que ao *animal laborans* não são garantidas propostas de vivências políticas. Arendt concebe a política enquanto uma manifestação pautada nas possibilidades de escolha calcadas em signos da liberdade e dentro do universo capitalista em que essas intenções se encontram escassas, as representações de liberdade e, conseqüentemente de política, devido ao grau desvirtuante do capital e do trabalho. “O labor – mas não o trabalho- requer, para melhores resultados, uma execução ritmicamente ordenada e quando muitos operários se reúnem, exige uma coordenação rítmica de todos os movimentos individuais” (Arendt, 1983: 158).

Com essas considerações, podemos levar em consideração a necessidade da representação uniforme dos corpos masculinos no segmento de imprensa nesse trabalho. Mais que uma proposta discursiva, há também uma iniciativa de promover o capital enquanto uma qualidade a ser reproduzida no meio social. O corpo se torna à venda para atender ao sistema mercadológico e, assim, apresenta-se o melhor produto, ausente das

monstruosidades. O corpo se torna um objeto. Pelas reflexões de cunho psicanalíticas apresentadas por Costa (2005), a mídia colabora de modo significativo para a espetacularização e promoção do corpo enquanto um caminho para a realização dos prazeres e a objetivação do corpo. Por isso o autor elenca a necessidade de pontuar o corpo aos prazeres extáticos em detrimento dos prazeres mitigados. Há uma super valorização do êxtase, do explosivo e do espetacular como forma de sentir e propor cada vez mais o

deleite com a criação e a fruição de obras artísticas ou científicas; o conforto, a serenidade, a alegria, o entusiasmo ou a beatitude com emoções de ordem espiritual, moral, cívica, etc. (...) A peculiaridade da nova educação dos sentidos é ter posto a fruição sistemática, metódica e regulada dos prazeres sensoriais mitigados no topo dos ideais de felicidade. É esta atenção militante, devotada, consciente e autogerida do prazer duradouro com a higidez e a aparência que mais caracteriza o que chamo de moral das sensações, felicidade sensorial ou ideal de prazer sensorial (Costa, 2005: 92-94).

De acordo com Costa, o corpo passou a ser o canal de manifestação das sensações que se apresentam em consonância com o prazer e com a satisfação pessoal e com isso, uma simbologia da dignidade enquanto uma formação de sujeição, pois ele se torna uma referência da condição de esse encontrar no mundo, um meio de se conhecer e conhecer ao seu redor. Ainda na esteira do pensamento do autor, devido à própria da condição do gozo extático em ser representado por sensações que são fluídicas, o indivíduo se coloca em dependência do objeto de estímulo, uma sensação de felicidade que se consome no mesmo momento que o objeto é esvaecido. Dessa forma, há a necessidade constante do “espectro de estimulações sensíveis para sentir que existe aos próprios olhos e ao olhar do outro” (Costa, 2005: 105).

O autor faz uma metáfora quanto ao lema moderno proferido por Descartes “Penso, logo existo” para “Sinto, logo sou”, oferecendo condições para acreditar que o corpo estimulado e apropriado de prazer é uma condição de pertencimento no espaço social. O corpo se tornou o canal adequado para estabelecer as condições de prazer e satisfação e a imprensa homoerótica oferece essas possibilidades. As imagens e as representações ofertadas por esse segmento da imprensa, como apresentado, se tornam motivos da espetacularização do corpo, no sentido oferecido por Gay Debord (1997). A necessidade de sentir também se tornou uma referência dentro da condição contemporânea, sentir o corpo midiático, mesmo que seja forma metafórica, é uma excitação constante e permanente. Denominada como sociedade da sensação por

Christoph Türcke (2010), essa significação social não é mais uma definição temporal na história, mas se torna uma qualidade a mais na espetacularização da moral atual e

as sensações estão a ponto de se tornar as marcas de orientação e as batidas do pulso da vida social como um todo. (...) se tudo o que *não* está em condições de causar uma sensação tende a desaparecer sob o fluxo de informações, praticamente não sendo mais percebido, então isso quer dizer, inversamente, que o rumo vai na direção de que apenas o que causa uma sensação é percebido. A percepção do que causa uma sensação converte-se na percepção *tout court*, o caso extremo da percepção em instância normal (Türcke, 2010: 14-20).

Há uma intenção forte de estabelecer uma relação estética que promova o estímulo sensorial ao estampar os corpos nas capas de revistas. O papel da mídia, incluindo também a imprensa homoerótica, oferece as propostas discursivas por que promovem o corpo como um bem a ser cuidado, estimula as práticas de consumo para a obtenção de apenas uma determinada condição corpórea, pois esses signos se propõem a elencar predicados de sucesso social. Dentro dessa perspectiva, é fundamental resgatar novamente o conceito de biopolítica desenvolvido por Michel Foucault em que os poderes são exercidos no/pelo corpo, na intenção de torná-los dóceis, adestrados e treinados. Atentar-se para a alimentação, para a prática de exercícios físicos, as intervenções cirúrgicas e também nas imagens veiculadas nas mídias também caracterizam a disciplinaridade e controle do corpo. Paula Sibilia (2011), amparada na reflexão foucaultiana sobre biopolítica, apresenta um posicionamento pertinente a essa configuração do corpo, em que o envelhecimento e as consequências dessa fase da vida se tornam sinais da derrota do corpo, trazendo com eles referências de “imperfeições” e “impurezas”.

Na era do “culto ao corpo” e da espetacularização da sociedade, instalados a se converter em imagens com certas características rigorosamente definidas, os corpos humanos são desencantados de suas potências simbólicas para além dos códigos da “boa aparência”. Nesse contexto e paradoxalmente – meio século após os movimentos de liberação sexual e em pela reivindicação da subjetividade encarnada, com a “expectativa de vida” aumentando sem cessar – novos tabus e pudores convertera a velhice num estado corporal vergonhoso. Sinais de uma derrota na luta pela permanência do aspecto juvenil, as rugas são moralmente condenáveis devido à sua indecência: a velhice é um direito negado ou algo que deveria permanecer oculto, longe de ambicionar a tão cotada visibilidade (Sibilia, 2011: 83).

De acordo com a autora, há um repúdio declarado para que os signos da velhice e de tudo aquilo que possa denotar a decrepitude do tempo ou oferecer condições

ameaças ao corpo, são os monstros que devem ser combatidos. As imagens veiculadas na mídia contribuem para o fortalecimento desse entendimento quanto à aversão sobre a idade e a gordura, uma forma de valorização dos signos da vida em detrimento da morte. A preocupação com a imagem pessoal atravessa a questão de gênero e de sexo, o que antes era assunto tipicamente da imprensa feminina (Buitoni, 1990), também se torna uma prática discursiva para os conteúdos das páginas da imprensa homoerótica. Medidas como essa se tornam referências da cultura vigente, até por que, como já apresentado, o corpo se tornou um capital, uma forma de investimento para aniquilar a morte e se autopreservar. Sibilia vai além da concepção de capital pelo corpo e acredita que os movimentos realizados para a valorização da jovialidade são atitudes que prezam pela purificação da carne, que vão desde as promessas dos produtos farmacêuticos e da cosmetologia até o bisturi virtual, ou seja, a intervenção tecnológica para a manipulação de imagens.

(...) uma miríade de produtos e serviços é anunciada em constante festival, com sua retórica especializada em garantir as mais desvairadas certezas. Sublinha-se, sobretudo, sua capacidade de ajudar as vítimas dessa biopolítica imperfeita a dissimular os inevitáveis destroços que essa fera impiedosa, a velhice, ainda teima em imprimir no aspecto físico de cada um. A força dessa vontade contrariada alimenta, assim, o riquíssimo mercado de purificação, constituído por toda sorte de antioxidantes, hidratantes, drenagens, lipoaspirações, e estiramentos com vocação rejuvenescedora das aparências (Sibilia, 2006: 93-94).

A indecência creditada às marcas do tempo aliada aos tentáculos do capitalismo para o investimento do corpo concretizam a representação de corporalidades que não permite imagens desgastadas ou que de alguma forma possam afrontar as relações de prazer que o corpo pode ofertar.

(...) Um estado corporal que deveria ser combatido – ou, quanto menos, sagazmente dissimulado – por ser moralmente suspeito e, portanto, humilhante. Algo indecente que não deveria ser exibido; pelo menos, não sem recorrer aos convenientes filtros e pudicos retoques que nossa era inventou para tal fim que com crescente insistência, põe à nossa disposição e nos convoca a utilizar. Assim, em plena vigência desses valores que ratificam a cristalização de uma nova moralidade, os cenários privilegiados dos meios de comunicação audiovisual se recusam a mostrar imagens de corpos velhos. As revistas de páginas brilhosas só aceitam publicar esse tipo de fotografias em raras ocasiões: quando se considera estritamente necessário e, mesmo nesses casos, contando sempre com o auxílio das ferramentas de edição de imagens como o popular Photoshop (Sibilia, 2006: 93-94).

Dialogando com o pensamento da autora, Edvaldo Couto e Dagmar Estermann Meyer (2011) estabelecem uma relação sobre o corpo, mercado e tecnociências também no sentido de aliviar a falência do corpo advindo pela idade em nome do vigor da juventude.

A tecnociência, o mercado e os meios de comunicação produzem e fazem circular diversificados cardápios de técnicas, produtos e orientações que visam, sobretudo, o aumento progressivo da qualidade de vida. Nesse contexto, tradicionais fronteiras entre juventude e envelhecimento têm sido cada vez mais questionadas, desafiadas, deslocadas, borradas. Promessas anunciadas, e amplamente desejadas, apontam para possibilidades de reprogramação de corpos humanos na direção de torná-los imunes a doenças, de dar-lhes condições de diminuir as penúrias da velhice e adiar a fatalidade da morte (Couto; Meyer, 2011: 22).

Uma celebração da mocidade que estabelece uma ordem moral quase irredutível para o cotidiano contemporâneo, em que os modos de representação da beleza se relacionam com a tecnologia, sem por intervenções no corpo, seja para o tratamento de imagens, na composição do corpo masculino.

Por uma outra cultura

De acordo com Geertz (1978), a cultura é estabelecida pelos códigos simbólicos que são elaborados pelo próprio homem. Esses códigos são criados não de modo pragmático ou racional, mas pelas relações que são concebidas enquanto processos de significação quanto aos valores que são produzidos e reproduzidos em um recorte de espaço de tempo dentro de uma sociedade.

Pelo recorte das imagens desse texto, percebe-se que há uma uniformidade quanto às representações do corpo: além da branquitude da pele, o corpo esculpido por exercícios físicos para exibição dos músculos torneados, atuando em um jogo de sedução e desejo. A gordura, a estria ou qualquer outro signo que sugira descuido se tornam referências traumáticas para o gozo, um recalque que não é elaborado, mas extirpado, aniquilado ou esquecido para não venha à tona tão pouco seja representado nas imagens. Essas medidas fundamentam e fomentam códigos culturais da sociedade contemporânea sobre a representação do corpo.

Quando formos traçar um paralelo com as demais publicações que se segmentam pelo gênero (masculino e feminino), o discurso também se marmoriza em poucas representações, sendo que homens e mulheres são representados para despertar sensações, libidos e desejos em corpos magros, silhuetas enxutas. Essa condição de

refutação dos monstros se torna um sintoma de uma cultura que não consegue conviver com aquilo que é diferente dos códigos de prazer e gozo. A imprensa homoerótica, em especial a revista Junior, se torna apenas um sintoma da cultura da promoção de valores narcísicos, sendo muito semelhantes aos discursos e práticas das revistas femininas e masculinas voltadas que têm como público homens e mulheres heterossexuais.

Conforme as reflexões teóricas apresentadas nesse texto, a limitação das representações dos corpos na imprensa homoerótica não pode ser compreendida apenas como sendo um discurso que agrada aos consumidores das revistas ou que esse público reproduzirá os códigos de representações veiculados nessas publicações. A questão é mais profunda que essa condição. A cristalização das representações midiáticas do corpo na imprensa homoerótica está ligada também quanto à fundamentação de práticas da cultura e os modos de produção e reprodução dos signos dessa cultura. A homogeneização da significação e representação dos corpos na mídia são signos sintomáticos da cultura vigente, por isso que homens e mulheres são retratados de forma semelhante, para o estímulo de prazeres e gozos.

Independentemente da quantidade de capas que fossem coletadas para analisar a necessidade de afastamento das monstruosidades que assolam o corpo, a diferença de representação não se alteraria, tão pouco a composição plásticas das imagens: corpos de dorsos à mostra, a textura de uma pele sem marcas, o olhar sedutor e a toda a alegoria de prazeres e felicidade sem restrições. A seleção das imagens desse trabalho foi de capas aleatórias, mas poderia ser feita seguindo uma ordem de possibilidades, todavia, se tornaria indiferente por que o significante da composição imagética poderia ter alguma modificação quanto à etnia do homem retratado ou as vestimentas utilizadas, entretanto, a significação dessa representação dificilmente se alteraria. A revista Junior, bem como muitas das revistas segmentadas por gênero, se posiciona nessa condição ao apresentar as representações do corpo masculino, marmorizando os códigos imagéticos e também discursivos em nome de uma cultura que promove o sistema do capital.

Na mesma medida em que não há a simbolização da dificuldade de conviver com as diferenças, são estabelecidas formas de intolerância e pavor com aquele que não está agregado aos referenciais das práticas dominantes de cultura. Assim, muitas ações são tomadas para que os monstros habitem e permaneçam no limbo das representações, porque a assunção deles nem sempre traria o despertar e da libido e não se tornariam interessantes para a economia dos desejos enquanto uma manifestação de enfrentamento

das estruturas de poder. Com isso, o combate aos monstros do corpo e as representações do corpo sem máculas se tornariam naturais dentro de uma concepção cultural e o “‘contra-a-natureza’ era marcado por uma abominação particular” (Foucault, 1999: 39). Contemplar outras representações corpóreas na imprensa homoerótica de modo mais contundente não é apenas alterar os significantes das imagens, mas oferecer outros códigos estruturantes por novas práticas culturais que não estejam atreladas aos signos já existentes, uma vez que a cultura é estabelecida pelas relações simbólicas de um grupo social.

Considerações finais

A representação do corpo masculino na imprensa homoerótica, em especial na revista *Junior* que analisada nesse trabalho, se articula na promoção do prazer, afastando de todas as manifestações de qualquer monstruosidade que possa interferir no corpo enquanto um bem capital. A proposta discursiva da qualidade desse corpo se torna um sintoma da cultura no sentido de dialogar com signos de prazer, consumo e oferecer o afastamento da morte, códigos intrinsecamente ligados à moral contemporânea. Como considerados monstros os elementos como a gordura, a velhice e rugas, esses devem ser combatidos da forma eficaz para a libertação do corpo para as práticas de prazer e para a juventude plena. Quando não é possível o extermínio dos monstros e das suas consequências no meio social que ao menos eles sejam represados em estruturas que possam que possa torná-los dóceis e domesticados; uma forma para que sejam disciplinados e controlados enquanto sob um discurso normalizante e refratário. Mesmo havendo várias possibilidades de representação do corpo na atualidade porque esse se encontra em diálogo com a cultura e a cultura é uma entidade em constante transformação, no universo midiático as representações não fogem à regra de apresentar corpos que de alguma forma proporcionem prazer, felicidade e gozo porque esses elementos são uma das chaves motoras para as engrenagens do sistema capitalista.

Os usos da tecnologia e de outros dispositivos de poder se tornam instrumentos importantes no combate das atrocidades que podem ser cometidas por esses tipos de monstros; além do aparato de recursos farmacêuticos e cosméticos, exercícios físicos e dietas alimentares, as incidências detestáveis da gordura e da idade podem ser combatidas pela manipulação imagética executadas por softwares, possibilidades que

são utilizadas com muita frequência nas qualidades poéticas das imagens com o intuito de promover a sensibilidade dos leitores da publicação. Desse modo, as lacunas que as condições da debilidade da carne oferecem ao corpo podem ser eliminadas pela tecnologia e pelo controle, fazendo valer as frentes de atuação da biopolítica; e o corpo masculino nas representações na imprensa homoerótica se mantém afastado das monstruosidades da vida, ao menos é o que se propõe a fazer nas páginas da revista em interface à ideologia capitalista.

Referências bibliográficas

- Arendt, H. (1983) A condição humana. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.
- Bourke, J. (2010) Como os corpos físicos afetam a transformação cultural. In: Swan, H. Grandes questões da história. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Buitoni, D. (1990) Imprensa feminina. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática.
- Canclini, N. G. (2008) Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ Editora.
- Couto, E. S.; Meyer, D. E. (2011) Viver para ser velho? Cuidado de si, envelhecimento e juvenilização. In: Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade. nº 19, pp 21-32.
- Costa, J. F. (2005) O Vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond.
- Debord, G. (1997) A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Foucault, M. (2014) A Microfísica do poder. 28ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Foucault, M. (1999) História da Sexualidade I: a vontade de saber. 13ª Ed. – Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Garcia, W. (2005) Corpo, mídia e representação: estudos contemporâneos. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Geertz, C. (1978) A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Zahar.
- Góes, C. de. O. (2003) Corpo na Psicanálise no território de Deus e da história. In: Theml, N. (et. al.) (2003) Olhares do corpo. Rio de Janeiro: Mauad, pp 41-47.
- Haraway, D. (2009) Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In Tadeu, T. (ed.) Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Le Breton, D. (2012) *Antropologia do corpo e modernidade*. 2ªed. Petrópolis: Editora Vozes.

Leite Junior, J. (2007) O que é um monstro? In *Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*, disponível em, <http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=29&id=340>, consultado em 04/09/2014.

Sennett, R. (1997) *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record.

Sibilia, P. (2011) A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice: o corpo velho como uma imagem com falhas. In: Goldenberg, M. (Ed.) *Corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Sibilia, P. (2006) A desmaterialização do corpo: da alma (analógica) à informação (digital). *Revista Comunicação, Mídia e Consumo*, v. 3, nº6, pp. 105-119.

Sibilia, P. (2002) *O Homem Pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Silva, A. C. T. da (2011) *Temporalidades em imagens de imprensa: capas de revistas como signos de olhares contemporâneos*. Maringá: Eduem.

Sodré, M. (2006) Eticidade, campo comunicacional e midiatização. In Moraes, D. (ed.) *Sociedade Midiatizada*. Rio de Janeiro: Mauad, pp. 21-40.

Türcke, C. (2010) *Sociedade excitada: filosofia da sensação*. Campinas: Editora Unicamp.